

3.1.6 Hans-Georg Gadamer: os principais pensadores que o circundaram.

**(1) J. M. OLIVEIRA; (2) L.F.M. RAMOS**

(1) Sacerdote do Instituto Verbo Encarnado. Formação em Filosofia e Teologia. E-mail: [jonasdeoliveira@ive.org](mailto:jonasdeoliveira@ive.org)

(2) Graduação em Filosofia, Pedagogia e Educação Física. Formação em Teologia e Psicanálise. Mestre em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo. Coordenador do Curso de Licenciatura em Filosofia e do Curso de Bacharelado em Teologia e Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Psicanálise Clínica pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro - UNIÍTALO. E-mail: [luiz.ramos@italo.br](mailto:luiz.ramos@italo.br)

**COMO CITAR O ARTIGO:**

OLIVEIRA, J. M.; RAMOS, L.F.M. **Hans-Georg Gadamer: os principais pensadores que o circundaram.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista\\_eletronica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.11, n.1, p. 164-199, jan/2021

## RESUMO

O presente trabalho busca apresentar uma visão clara e objetiva do ambiente em que se formou nosso filósofo Hans-Georg Gadamer. Ambiente marcado principalmente pelo conflito de duas filosofias: a filosofia de Hegel que era a dominadora da época, contudo já estava se dirigindo para o seu fim e a filosofia do neokantismo, que surge exatamente para combater o idealismo hegeliano. Por isso o trabalho se detém em detalhar os principais pensadores que circundavam o nosso filósofo. É claro que as possibilidades são muitas, mas como disse, o trabalho focará nos pensadores da época, principalmente aqueles estudiosos da Escola de Marburgo, fundada por Cohen na Alemanha, pois foi nesta escola que Gadamer teve sua formação principal e base de todos os seus princípios. É nesta escola onde se encontram alguns dos grandes pensadores do neokantismo e do existencialismo. É nesta escola onde podemos encontrar alguns dos métodos que guiaram o pensamento filosófico como o cientificismo, o relativismo e a fenomenologia. E é nesta escola onde foi formado Gadamer e por isso o trabalho lança suas redes para encontrar neste ambiente o que poderíamos chamar de pressupostos para a formação do pensamento gadameriano. Certamente não quer dizer que ele seguiu a todos estes, mas quer dizer que de certa forma todos estes influenciaram de alguma forma em nosso pensador. Por isso este trabalho é uma prévia para um seguinte trabalho futuro de conhecimento do pensamento de Gadamer.

**Palavras-chaves:** Gadamer, mestres de Gadamer, formação do pensamento gadameriano.

## **ABSTRACT**

This paper seeks to present a clear and objective view of the environment in which our philosopher Hans-Georg Gadamer was formed. An environment marked mainly by the conflict of two philosophies: the philosophy of Hegel, which was widely accepted at the time - despite already moving towards its end - and the philosophy of neokantism, which arises specifically to combat Hegelian idealism. Thus, this paper pursues the detailing of the main thinkers that surrounded our philosopher. Evidently, the possibilities are numerous, though, as previously mentioned, this paper will focus on the thinkers of the time, especially those who studied at the Marburg School, founded by Cohen in Germany, because it was at this school that Gadamer had his main training and base of all his Principles. It is in this school where the work of some of the great thinkers of neokantism and existentialism came to fruition. It is in this school where we can find some of the methods that guided philosophical thinking such as scientism, relativism and phenomenology. Additionally, it is in this school where Gadamer was formed and that is why this paper launches its attempts to find in this environment what we could call presuppositions for the formation of Gadamerian thought. It certainly does not mean that he followed all of these, but it does mean that, in a way, they all influenced our thinker in some way. For this reason, this paper is a preview for a future work on the knowledge of Gadamer's thought.

**Keywords:** Gadamer, Gadamer masters, formation of Gadamerian thought.

## INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho apresenta uma pesquisa sobre o contexto em que viveu o filósofo Hans-Georg Gadamer, buscando assim delimitar os principais pensadores que influenciaram no desenvolver de seu pensamento. Porém é necessário clarificar que este trabalho não tem como objetivo principal estudar profundamente o pensamento de Gadamer, e sim dar uma prévia sobre o que poderia ter influenciado Gadamer em seu pensar? Pois, para entender o pensamento de um filósofo, é necessário tocar o mais profundo possível, chegando se necessário na raiz, então, somente assim é possível afirmar que é possível entender as conclusões de um pensador.

A escolha pelo filósofo Gadamer, foi influenciada principalmente pelo fato de ser um dos pensadores atuais mais influentes na área da filosofia, principalmente na filosofia europeia. Seu pensar indica as vias pelas quais anda a filosofia atual. E uma das realidades que todo filósofo irá deparar em nosso tempo.

Então, o trabalho foi dividido num primeiro capítulo sobre a história de Gadamer, onde ao final deste mesmo capítulo são destacados os principais influentes em Gadamer, o qual são chamados de pressupostos do pensamento Gadameriano. A partir destes pressupostos se desenvolve todo o resto do trabalho, estudando seus pensamentos e como Gadamer teve contato com eles.

### ***História de sua vida***

Hans-Georg Gadamer nasceu em 11 de fevereiro de 1900, em Marburgo, no sul da Alemanha. Cresceu em Breslau (hoje Wroclaw, na Polônia), onde seu pai era professor de Farmácia na Universidade de Breslau, assumindo posteriormente a cadeira de Química Farmacêutica em Marburgo. A origem da família de Gadamer era protestante e seu pai era severamente prussiano, dominador e estrito. Sua mãe era profundamente pietista e morreu de diabetes quando Gadamer tinha apenas quatro anos, e ele não tinha irmãos ou irmãs sobreviventes.

Gadamer graças a sua criação desenvolveu um interesse pela poesia e pelas artes. Em suas palavras, a poesia e as artes eram as coisas mais próximas que um “agnóstico não redimido” tinha de enfrentar os limites do conhecimento humano (Gadamer: A Biography, 20-23).

Mostrando um interesse precoce em estudos humanísticos, Gadamer começou seus estudos universitários em Breslau em 1918 (estudando com Richard Höningwald, que o apresentou ao neokantianismo), mudando-se para Marburgo com seu pai em 1919. Gadamer completou seus estudos de doutorado em Marburgo em 1922 com uma dissertação sobre Platão. Os primeiros professores de Gadamer em Marburgo foram Nicolai Hartmann e Paul Natorp. Nicolai Hartmann ofereceu com sua fenomenologia desafios ao neokantianismo de Höningwald.

A crítica de Hartmann ao neokantismo provou ser um ímpeto crucial para o próprio pensamento de Gadamer, incluindo seu posterior afastamento do neokantismo. Ainda assim, Gadamer acabou questionando a rígida epistemologia de Hartmann devido ao fato de que ela permaneceu comprometida tanto com o realismo aristotélico quanto com uma forma empobrecida de fenomenologia, que falhou em levar a sério a importância da perspectiva do conhecedor. Natorp, ele próprio um proeminente erudito de Platão e neokantiano na época, assumiu o comando na esteira do declínio da influência dos neokantianos em Marburgo.

Na tese de Gadamer, encontramos as sementes de seus escritos posteriores sobre Platão e Aristóteles, colhidos em Natorp, que enfatizavam a unidade do um e dos muitos, as formas e o reino da sensualidade. Gadamer foi influenciado não apenas pelo misticismo de Natorp, mas também pelo esoterismo do poeta Stefan George, de cujo círculo fazia parte. Paul Friedlander o apresentou ao estudo filológico. Gadamer também recebeu incentivo de Rudolf Bultmann.

Foi, no entanto, Martin Heidegger (em Marburg de 1923 a 1928) quem exerceu o efeito mais importante e duradouro no desenvolvimento filosófico de Gadamer. Gadamer conheceu Heidegger em Friburgo no início de 1923, tendo também se correspondido com ele em 1922. No entanto, embora Gadamer fosse uma figura chave no círculo de

Heidegger em Marburgo, trabalhando como assistente não remunerado de Heidegger, em 1925, Heidegger se tornou bastante crítico em relação às capacidades filosóficas e contribuições de Gadamer. Como resultado, Gadamer decidiu abandonar a filosofia pela filologia clássica. No entanto, Gadamer parece ter recuperado o respeito de Heidegger, passando no Exame de Estado em Filologia Clássica em 1927, com Friedlander e Heidegger como dois dos três examinadores, e então apresentando sua dissertação de habilitação ('Ética Dialética de Platão', 1991), em 1928, sob a orientação de Friedlander e Heidegger. O relacionamento de Gadamer com Heidegger permaneceu relativamente próximo ao longo de suas respectivas carreiras, embora também tenha sido um relacionamento que manteve uma tensão considerável - pelo menos do lado de Gadamer.

A primeira nomeação acadêmica de Gadamer foi para uma posição júnior em Marburgo em 1928, finalmente conseguindo um cargo de professor de nível inferior lá em 1937. Nesse ínterim, de 1934 a 1935, Gadamer ocupou um cargo de professor temporário em Kiel, e então, em 1939, assumiu a Diretoria do Instituto Filosófico da Universidade de Leipzig, tornando-se Reitor da Faculdade em 1945, e Reitor em 1946, antes de retornar ao ensino e pesquisa em Frankfurt-am-Main em 1947. Em 1949, ele sucedeu a Karl Jaspers em Heidelberg, aposentando-se oficialmente (tornando-se Professor Emérito) em 1968. Após sua aposentadoria, ele viajou muito, passando um tempo considerável na América do Norte, onde foi visitante em várias instituições e desenvolveu uma associação especialmente próxima e regular com o Boston College em Massachusetts.

Em 1953, junto com Helmut Kuhn, Gadamer fundou a altamente influente *Philosophische Rundschau*. Refinado e perspicaz intérprete, sobre tudo da filosofia antiga, mas também de Hegel e dos historicistas. Gadamer publicou em 1960 uma obra considerada como um clássico na teoria hermenêutica, propriamente uma das mais importantes que já foi citada acima: *Verdade e método*, onde se fundam em um todo coerente as questões técnicas com as perspectivas filosóficas da hermenêutica. As publicações mais conhecidas de Gadamer datam quase todas do

período após *Truth and Method*, e a este respeito muito de sua reputação filosófica repousa em publicações após ou na década imediatamente antes de sua transição para o status de emérito (em 1968).

Os importantes debates em que Gadamer se envolveu com Emilio Betti, Jürgen Habermas e Jacques Derrida aconteceram nessa última parte da carreira filosófica de Gadamer, e a tradução de sua obra para o inglês também começou bem tarde, na década de 1970.

Gadamer foi casado duas vezes: em 1923, com Frida Kratz (mais tarde divorciado), com quem teve uma filha (nascida em 1926), e, em 1950, com Käte Lekebusch. Gadamer recebeu vários prêmios e honrarias, incluindo, em 1971, Cavaleiro da 'Ordem do Mérito' - a mais alta honraria acadêmica concedida na Alemanha. Permanecendo intelectualmente ativo até o final de sua vida (ele ocupou o horário normal de expediente mesmo aos 90 anos), Gadamer morreu em Heidelberg em 13 de março de 2002, aos 102 anos.

Diante de tudo o que foi narrado acima, é útil marcar alguns pressupostos que foram fortemente influenciadores no pensamento de Gadamer:

- Influência dos pais: Um pai prussiano e uma mãe pietista que despertou em seu interior uma inclinação às artes e um amor à poesia o qual possivelmente o levou a inclinar-se a observar a linguagem;
- A influência neokantiana de Richard Höningwald;
- A influência fenomenológica de Nicolai Hartmann;
- O conhecimento sobre Platão e Aristóteles que foi influenciado por Natorp;
- A influência de Paul Friedlander que o levou a conhecer o estudo da filologia;
- Houve também um incentivo de Rudolf Bultmann;

- E com certeza, um dos mais importantes, Martin Heidegger. Heidegger foi o mais célebre influente na formação de Gadamer, principalmente introduzindo-o no existencialismo;
- Também não podemos deixar de citar a própria Escola de Marburgo e seu fundador, Cohen;
- E provavelmente deveria também colocar aqui uma certa influência de Hegel.

É a partir destes pressupostos que o trabalho será desenvolvido, apresentando a base do pensamento de Gadamer, o qual é tão influente nos dias de hoje.

### ***Influência da criação que recebeu de seu Pai***

Quanto ao prussianismo de seu pai podemos dizer que a Prússia da segunda metade do século XIX produziu muitas reflexões sobre a história. Foram, em grande medida, os historiadores, a partir de narrativas políticas, que impulsionaram e legitimaram a Unificação da Alemanha (1871).

Neste período, surgiu a necessidade da escrita de uma história comum a todos os Estados envolvidos da unificação. O processo de unificação, capitaneado pelo Reino da Prússia (BENTIVOGLIO, 2010, p.26), não envolveu só historiadores, mas outros intelectuais, inclusive Nietzsche. Segundo Bentivoglio, são os acontecimentos que se desenvolveram desde o início do século XIX, especificamente a partir do ano 1806, que permitem compreender o contexto da unificação. Este período se situa entre “a derrota fragorosa para Napoleão Bonaparte e a vitória sobre a França e anexação dos territórios de Alsácia e Lorena por Otto von Bismarck” (BENTIVOGLIO, 2010, p.26), importantes para a fundação do Império Germânico e, conseqüentemente, a emergência do nacionalismo.

O marco para a disseminação do império foi quando Napoleão obrigou a criação da Confederação do Reno, com a intenção de criar

“uma terceira Alemanha para neutralizar a Áustria e a Prússia”, esta confederação foi criada a partir de procedimentos franceses e era de interesse da Prússia fortalecer seu Estado para poder libertar os outros do domínio francês, essas reformas e a luta contra a França iriam assentar as bases do poder prussiano no novo século e resultar na formação de uma nova Alemanha em 1871.

Após o domínio napoleônico, surgiu, nos estados alemães, um grande ódio aos franceses, com um resquício de nacionalidade marcado por peculiaridades culturais e linguísticas do mundo de língua alemã. Era abstrata, humana, cosmopolita, filosoficamente refinada e apolítica. Diferente da Alemanha, poderosa e unida, que era esperada pelos nacionalistas, o que aconteceu no Congresso de Viena (1814-1815) foi o surgimento da Confederação Alemã, compreendida pelos 39 estados remanescentes.

No ano de 1848, os alemães, em uma atitude revolucionária, se reuniram em Frankfurt para questionar sua identidade. Para a defesa de fronteiras a maioria dos delegados do parlamento prussiano desejava uma solução alemã que incluísse a Áustria.

E era sob este pensamento paterno que Gadamer foi educado, porém seguramente com uma certa contraposição do pensamento materno que veremos logo em seguida.

### ***Influência da criação que recebeu de sua mãe***

Quanto ao pietismo de sua mãe se pode dizer que desde os primórdios da Reforma, formaram-se duas correntes nesse movimento heterodoxo: uma, mística; e outra, racionalista. O luteranismo oficial representa a segunda corrente, enquanto os movimentos anabatistas e milenaristas representam a primeira.

Embora tivesse proclamado a doutrina do livre-exame da Sagrada Escritura, Lutero mostrou-se intolerante com todos os que não

concordavam com sua interpretação particular. Ele excomungou Storch e Münzer, e pregou a guerra contra os camponeses anabatistas (Cfr. Norman Cohn – *Les fanatiques de l'Apocalypse*, Julliard, Paris, 1962).

A corrente mística do protestantismo teve seu “profeta” na figura de Jacob Boehme, cujos escritos teosóficos, alquímicos e cabalistas tiveram uma enorme influência na história do pensamento europeu.

Foi da doutrina de Boehme que nasceu o pietismo, religião do “coração”, religião do sentimento, oposta ao racionalismo luterano, e do qual nasceriam a filosofia e a escola romântica alemãs.

Para o pietismo, seguidor de Boehme, o mundo era uma emanção da divindade, e o espírito de Deus se achava espalhado em todos os seres do universo. Esse imanentismo levava o pietismo a ter um culto religioso da natureza, a buscar fundir-se no Todo universal, a procurar estabelecer um contato com os outros homens, e mesmo com as coisas, por meio de uma simpatia universal. O pietista vivia dialeticamente, sentindo Deus distante e, ao mesmo tempo, próximo; Deus “absconditus” e Deus manifesto; e vendo o infinito imanente nas coisas finitas.

O homem deveria buscar a Deus no íntimo de seu coração. Deus falaria a cada pessoa através de seus sentimentos. A razão e a vontade deveriam ser combatidas, pois seriam causas de individualização, e empecilhos, portanto, à fusão no Todo Universal. Era preciso “reentrar” em si mesmo, e, para isto, era necessário combater as qualidades pessoais, egoísticas; resistir às imagens ilusórias dos sentidos, fruto da multiplicidade ilusória da vida real concreta (Cfr. L. Mittner – op. cit. p. 47).

Desprezava a razão e aniquilava à vontade, e assim só restavam os sentimentos. A relação do homem com os seus semelhantes, ou com a natureza, fazia-se apenas através dos sentimentos. Quanto menos precisos e definidos esses sentimentos, melhor seria pois seriam

sentimentos vagos, sem razão, sem base lógica. Daí a preferência pietista pela música, a mais vaga e menos explícita das artes.

O misticismo anti-racionalista do pietismo produzia uma aversão a todo formalismo dogmático e litúrgico. Levava a rejeitar toda igreja constituída, toda institucionalização e hierarquia.

Por isso, os pietistas preferiam reunir-se nas casas, a fazê-lo nas igrejas. Em suas reuniões, lia-se a Bíblia, cantavam-se hinos sacros, incentivavam-se as pessoas mutuamente com discursos piedosos. Nessas reuniões não havia chefes ou presidentes, mas sim um círculo de elementos iguais, no qual o Espírito se manifestava livremente: Estas células constituíam pequenas igrejas na Igreja, “ecclesiolae in Ecclesia”. Igualitarismo e ecumenismo eram notas características do pietismo.

Como muitos outros movimentos gnósticos, o pietismo era milenarista. Já Boehme havia anunciado um reino milenarista que ele chamava de “tempo dos lírios”, “Lilienzeit”. Todavia, foi o conde Zinzendorf o principal “utópico” do pietismo. Ele organizou inúmeras colônias pietistas chamadas Herrnhut (Proteção de Senhor) na Alemanha, na Rússia e nos Estados Unidos.

A influência pietista foi imensa na religião, na filosofia e na literatura alemãs, como também na França, através do Quietismo, seu irmão gêmeo, e na Rússia, através dos eslavófilos. Se se considerar que o idealismo e o Romantismo nasceram do pietismo, não se pode deixar de reconhecer sua influência universal.

### ***A influência neokantiana de Richard Höningwald***

O movimento Neokantiano se tornou uma força poderosa dentro da filosofia Alemã. Na verdade, veio a ser filosofia acadêmica ou “filosofia escolar” (*Schulphilosophie*), como dizem os alemães. No início do novo século, todas as cadeiras de filosofia nas universidades da Alemanha foram ocupadas por representantes, em maior ou menor

grau, desse movimento. O neokantismo apresentou tantas formas quantos eram seus representantes.

Já na mesma linha do neokantismo, Richard Höningwald, de origem judaica, lecionou em Breslau a partir do ano de 1906, por meio do trabalho *Beiträge zur Erkenntnis theorie und Methodenlehre* (“Contribuições para a teoria do conhecimento e da ciência do método”). Até 1915 desenvolveu trabalhos sobre a teoria da Matemática e as Teorias da Cognição. Se dedicava, em especial, à História da Filosofia através da inspiração do Neokantismo, assim como Alois Riehl, com quem exercia forte diálogo.

Edith Stein descreve o professor dos cursos de Filosofia e História, Richard Höningwald, como alguém que ela admirava por sua agudeza, por seu forte senso “crítico” e pela maneira sedutora com que apresentava aos alunos questões da dialética. Ele possuía uma forte influência do Neokantismo em sua formação, o que o distanciava da compreensão da fenomenologia Husserliana.

E segue Merz-Benz dizendo que devotados exclusivamente à exposição de suas próprias posições neokantianas (...). Se alguém queria introduzir algo que não havia crescido nesse solo (neokantiano), Höningwald, com sua convincente dialética e sua incisiva ironia, o reduzia em silêncio (...) um estudante mais velho e independente me disse uma vez “nas aulas de Höningwald existem questionamentos para além do neokantianismo que ninguém ousava nem mesmo pensar, pelas repreendas de Höningwald. Já fora da sala de aula, eu não podia ignorá-las. Em todo caso, as suas aulas possuíam uma excelente formação para o pensamento lógico, e isso era o suficiente para me fazer feliz”.

Höningwald apontava que a relação do homem com o mundo se dava através dos a priori Kantianos; isto é, o ser humano possuiria características atemporais e universais que, para Höningwald, não seriam influenciadas pelo mundo exterior. Ou seja, na teoria da cognição formulada por ele, a partir das leituras de Kant, a apreensão do mundo

se daria por três grandes aparelhos: a sensibilidade, o conhecimento e a razão. Portanto, seria impossível de se apreender empiricamente a essência das coisas; poderíamos perceber apenas os fenômenos.

Mas como já dissemos anteriormente, a influência de Hönigswald em Gadamer vai ser desafiada pela fenomenologia de Nicolai Hartmann, onde Nicolai critica ao neokantismo e influencia no posterior afastamento de Gadamer deste pensamento.

### ***A influência fenomenológica de Nicolai Hartmann***

Nicolai Hartmann (nascido em Riga, 1882, e morreu em Göttingen, 1950;) foi reconhecido na primeira metade do século XX como um dos principais filósofos alemães, em uma paridade com Husserl ou Heidegger. Hartmann foi um discípulo de Cohen e Natorp, em Marburg, quem expressou em sua filosofia o que podemos chamar um retorno às coisas, e desenvolveu uma notável ontologia realista. Nicolai Hartmann passa do neokantismo a uma teoria realista do conhecimento, e em publicações posteriores desenvolve uma ontologia que toma a forma de uma análise das categorias dos diferentes modos ou níveis do ser.

Após a Segunda Guerra Mundial, Hartmann foi eleito presidente da Associação Filosófica Alemã, tanto pelo valor reconhecido de suas ideias filosóficas quanto por sua aparente falta de compromisso impróprio com o nazismo. O único artigo em inglês publicado por Hartmann durante sua vida apareceu em *Mindem* 1949, e foi escrito na sua qualidade de Presidente da Associação Filosófica Alemã. Seu objetivo era informar a comunidade filosófica sobre os resultados alcançados pelos filósofos alemães nos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial. Após a morte de Hartmann em 1950, no entanto, suas ideias não atraíram mais atenção. Os sessenta anos que se passaram desde a guerra viram ondas de interesse em vários pensadores, como Brentano ou Meinong, que nunca fizeram parte da filosofia dominante. Mas as ideias de Hartmann nunca mais foram um tópico de discussão. É difícil determinar por que as coisas aconteceram assim. Alguns aspectos do estilo de Hartmann podem fornecer o início de uma resposta.

Ele adotou sistematicamente um estilo de análise não especulativo, admitindo apenas o mínimo de metafísica necessária para enquadrar os problemas que a ontologia se mostra incapaz de abordar.

A sua linguagem era clara e o seu método rigoroso, quase pedante, procedendo meticulosamente, passo a passo, sem antecipar soluções nem dar por certo. Seus escritos são organizados de maneira tão precisa que o leitor fica sob controle e se sente incapaz de prever o próximo passo na argumentação.

O pensamento de Hartmann se dedica, em geral, ao estudo dos princípios ou categorias do ser de estrutura universal, tais como unidade ou multiplicidade, persistência e devir ou mudança, ontologias regionais, isto é, análise das categorias específicas dos seres inorgânicos, etc. E deste modo distingue entre ser-aí (*Dasein*) e ser-assim-ou-assim (*Sosein*). Desta afirmação podemos observar a influência do pensamento de Heidegger em Hartmann. Mas sua ontologia vai tomando a forma de uma análise fenomenológica das categorias exemplificada nos seres dados pela experiência. A ideia de ser subsistente, no sentido do ato infinito de existência, *ipsum esse subsistens* é totalmente alheio a seu pensamento. Também fica excluída toda a metafísica do ser transcendente, no sentido em que Deus o é. Em realidade a metafísica de Hartmann se debate em problemas impossíveis, enquanto que a ontologia é perfeitamente capaz de alcançar resultados definidos.

A ontologia de Hartmann, por tanto, é uma superação do neokantismo, na medida em que implica um estudo das categorias objetivas do ser real. É uma superação do positivismo, enquanto atribui à filosofia um campo próprio definido, os diferentes níveis ou tipos de ser, considerado precisamente como tal. E ainda que Hartmann empregue o método de análise fenomenológico, não se encerra por isso na esfera subjetiva à que a observância da *epojé* husserliana lhe havia condenado. Ao mesmo tempo, sua ontologia é uma doutrina de categorias, não uma metafísica do ser (*Da Sein*) como fundamento dos seres (*Die Seienden*). De acordo com ele, a filosofia científica não pode investigar sobre o ser, que fica mais além dos seres como tais. Tem em

realidade, o ser ideal dos valores que são reconhecidos em graus variados pela mente humana, mas ainda que estes valores possuam realidade ideal, não existem como tais e os seres existentes são os que formam o mundo.

### ***O conhecimento sobre Platão e Aristóteles de Natorp***

Paul Gerhard Natorp foi um dos filósofos mais proeminentes da Alemanha na virada do século passado. Nascido em Düsseldorf em 24 de janeiro de 1854, ele começou sua educação universitária em Bonn em filologia clássica com Hermann Usener e continuou na Universidade de Strassburg, mas ao se aproximar da conclusão de seus estudos, ele se sentiu insatisfeito com seu trabalho e irritado por “um impulso filosófico secreto”. Ele encontrou sua saída quando um amigo que estudava em Marburgo escreveu-lhe sobre Hermann Cohen e Friedrich Lange, e sobre sua interpretação de Kant; daí em diante Natorp colocou todo o seu pensamento e toda a sua poderosa capacidade de trabalho a serviço desta única tarefa: o desenvolvimento da “filosofia como ciência”. Seu primeiro professor de filosofia foi Ernst Laas, cujo positivismo anti-kantiano e anti-platônico incitou Natorp a um envolvimento mais profundo com a filosofia da crítica.

Desta forma, seus primeiros estudos filosóficos convergiram com seu amor original pela filologia enquanto ele perseguia a “pré-história” da crítica kantiana em Descartes, Galileu e Copérnico, de volta a Platão. Natorp completou sua Habilitação com Cohen em Marburgo em 1881 e ensinou lá até sua morte em 17 de agosto de 1924.

Em seu *Die philosophischen Grundlagen der exakten Wissenschaften* (Fundamentos filosóficos das ciências exatas, 1910), tenta mostrar que o desenvolvimento lógico da matemática não requer, de forma alguma, qualquer recurso a intuições de espaço e tempo. Evidentemente, sua teoria da matemática é apresentada mais “moderna” do que a de Kant. Em relação à ética, Natorp compartilha a visão Geral de Cohen. Desenvolve uma teoria sócio pedagógica com base na ideia que considera óbvio o fato de que a lei moral deve exigir a

subordinação da atividade do indivíduo à elevação da humanidade. Também deve ser notado que Natorp tenta estabelecer uma afinidade entre Platão e Kant em sua conhecida obra *Platos Ideelehre* (Platão e sua teoria das ideias), publicada em 1903, o qual trataremos agora.

Durante seu longo e prolífico mandato em Marburgo, Natorp entrou em contato com vários estudiosos e escritores ilustres. Boris Pasternak, Karl Barth e Ernst Cassirer estavam entre seus alunos; Rabindranath Tagore era seu amigo. Além de Cohen, colegas acadêmicos incluíam o filósofo Nicolai Hartmann, os teólogos Rudolf Bultmann e Rudolf Otto, e o estudioso literário Ernst Robert Curtius. Mais tarde, Natorp dirigiu a dissertação de doutorado de Hans-Georg Gadamer e, junto com seu interlocutor filosófico de longa data, Edmund Husserl de Freiburg, arquitetou a nomeação de Martin Heidegger como um *Extraordinarius* em Marburgo em 1923. Após a morte de Natorp no verão seguinte, Heidegger assumiu sua cadeira, trazendo assim a orientação kantiana do departamento a um fim decisivo.

Voltando então para a tese de Marburgo de que a filosofia, como filosofia da ciência, deve ser também a história filosófica da ciência. Para a ciência, como um fieri que evolui com o tempo; portanto, a atividade de suas funções básicas e a mutação regulada de suas leis só podem ser observadas com o tempo.

A visão da escola de Marburgo dessa história, que é a que influencia a Natorp, parece com a de Hegel, contudo difere em dois aspectos importantes, com a qual, de outra forma, poderia parecer ter muito em comum: primeiro, não é baseada em uma sequência de contradição conceitual e resolução; em segundo lugar, a história do desenvolvimento da ciência é relativística, isto é, em princípio incapaz de alcançar uma resolução “absoluta”.

Para a escola de Marburgo, Platão é o fundador do sistema de filosofia, porque ele fundou a lógica (no sentido de Marburgo) e, portanto, o sistema de filosofia. Ele geralmente deve ser entendido como o fundador do idealismo. Mas a palavra “idealismo”, em toda a história

da cultura, na qual contra todas as probabilidades permaneceu a palavra de ordem norteadora, só emergiu em certos pontos de inflexão iluminadores de um significado pouco claro e impreciso.

Contudo, talvez possamos apreciar melhor o valor da leitura de Platão por Natorp se não pensarmos nela como um apoio ao idealismo de Marburgo como tal, mas simplesmente como uma tentativa engenhosa de dar sentido à relação entre forma ideal e particular empírico, uma tentativa que apenas emprega a lógica das funções categóricas como um trampolim hipotético.

### ***A Filologia de Paul Friedlander***

Quanto a Paul Friedländer (21 de março de 1882, Berlim - 10 de dezembro de 1968, Los Angeles ) foi um filólogo alemão especializado em literatura clássica. Ele estudou com Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff na Universidade de Berlim. Em 1911, tornou-se *Privatdozent* e a partir de 1914, Professor Associado em Berlim, tornando-se Professor na Universidade de Marburg (1920), Universidade de Halle (1932). Em 1935, o regime nazista o forçou a renunciar e em 1938 ele foi detido em um campo de concentração. Após sua libertação, veio para os Estados Unidos, onde lecionou pela primeira vez na Johns Hopkins University (1939), como conferencista e na UCLA (1940-1945 como conferencista, 1945- como professor).

Friedlander vem também do campo da Filologia clássica, no que são conhecidos seus trabalhos sobre mitologia grega, sobre Píndaro, e suas edições de textos entre as que sobressai a de Epigramas gregos, publicada em Los Angeles, de cuja Universidade foi professor. Seus trabalhos em torno a Platão se iniciaram em 1921 com dois volumes sobre “*Der grosse Alciblates*” subtulado “*Ein Weg zu Platon*”, e donde se concertaram precisamente suas pretensões.

Em 1927, no exame estadual para o ensino superior, Gadamer se viu como avaliadores tanto Friedlander quanto Heidegger e, nesse

ponto, se viu na encruzilhada entre a filologia e a filosofia; ele estava determinado a continuar sua qualificação em filologia com Friedlander, mas, no dia seguinte ao exame, Heidegger escreveu-lhe uma carta com um tom decisivo convidando-o a se qualificar com ele em filosofia; Gadamer não sabia dizer não, e a partir de 1928 começou a esboçar o que mais tarde seria a ética dialética de Platão. No mesmo ano, ou seja, em 1928, foi publicado o primeiro volume de Platão de Friedlander, que no Prefácio agradecia explicitamente a Heidegger e Gadamer pelos estímulos e sugestões recebidos. Gadamer qualificou-se, portanto, com Heidegger junto com Lowith e Kruger, mantendo a estreita colaboração com Friedlander, que cada vez mais o convenceu de que a interpretação de Platão, formulada por Heidegger, dependia demais de Aristóteles.

Mas o advento do nazismo deve ter mudado profundamente seu relacionamento, dada a origem judaica de Friedlander; na verdade, como muitos outros, ele foi afastado do ensino e, em 1935, foi preso em Sachsenhausen; ele foi libertado por intercessão de Bultmann e abrigado em Roma como bibliotecário da Biblioteca do Vaticano; mas as leis raciais de 1938 o forçaram a deixar a Itália também, e a partir de 1939 ele se mudou para os Estados Unidos (primeiro em Baltimore e depois em Los Angeles), onde lecionou até 1968, ano de sua morte, e onde publico (em inglês) a versão definitiva dos três volumes sobre Platão.

### ***O Pensamento de Rudolf Bultmann***

Nascido em 1884 em Wiefelstede, Karl Rudolf Bultmann (falecido em 1976) estudou em Tiibingen, Berlim (com Adolf Harnack) e Marburgo (com Johannes Weiss). Bultmann teve origens luteranas em Oldenburgo onde passou sua infância, iniciou seus estudos escolares até a época em que se mudou para Tiibingen e o que daí decorreu. Deu início ao seu magistério em 1912-1916 (Marburgo). Posteriormente, ensinou em Breslau (1916-1920) e Giessen (1920), fixando-se definitivamente em Marburgo — a universidade protestante mais antiga da Alemanha -, a partir de 1921 onde permaneceu até o fim de sua vida.

Em 1951 lecionou em Yale e em 1955, em Edimburgo, deu as “*Gifford Lectures*”. Bultmann viveu em grande recolhimento, sobretudo depois da morte de sua esposa, até seu falecimento aos 92 anos de idade.

Não custa lembrar que Martin Heidegger foi professor em Marburgo no período de 1923 a 1928 e faleceu no mesmo ano em que seu amigo e colega Bultmann, que também veio a óbito em 1976. A proximidade entre os dois não era só de magistério, datas ou pensamento, mas também, pessoal. Foi ainda em Marburgo que Bultmann conviveu com Gadamer, que lá permaneceu de 1919 a 1939. Antes, contudo, de conhecer Heidegger, é bom registrar, Bultmann já era conhecido como eminente estudioso do Novo Testamento e já havia dado uma contribuição importante com o seu “História da tradição sinótica” (1921). Gadamer foi aluno de Heidegger e Bultmann. O testemunho de Gadamer reflete suas impressões pessoais sobre Bultmann, um de seus mestres:

Quem ouviu um dia uma de suas preleções, participou de seu seminário (com frequência superlotado) ou se deparou com ele mesmo na missão eclesial da pregação, sentiu-se imediatamente empolgado. Não havia nada de pathos ou de arte retórica. Eram próprios a ele uma sobriedade extrema, uma perspicácia penetrante e por vezes um humor caloroso, por vezes um humor iracundo. Mas precisar-se-ia ter vivenciado, quando ele, em uma preleção exegética, lia o texto da Bíblia em grego e em sua tradução, como se o fizesse totalmente para si apenas, e só para refletir sobre isto. Que tensão não havia aí no ar, uma tensão que não cedia nem mesmo quando se misturava, então, na interpretação, a erudição mais espantosa e a perspicácia mais sutil com o escárnio mais implacável em relação a seus colegas teólogos. (GADAMER, 2009, p. 407).

Rudolf Bultmann é muito mais conhecido pelo seu projeto teológico de desmitologização (*Entmythologisierung*), como teólogo e estudioso do Novo Testamento, do que propriamente pelas suas incursões

percucientes no âmbito da hermenêutica com fortes influências de seu amigo pessoal e colega de magistério Heidegger. Suas principais obras traduzidas para a língua portuguesa (no Brasil) abrangem “Crer e Compreender: Ensaios Selecionados”? (2001), “Teologia do Novo Testamento” (2004), “Jesus Cristo e Mitologia” (2008) e “Desmitologização: Coletânea de Ensaios” (1999).

A importância de Bultmann no debate sobre a hermenêutica, na perspectiva da compreensão existencial, é tal que, antes de Gadamer com a publicação de seu “Verdade e Método” (1960), todo o debate girava em torno de Bultmann, que apresentava uma proposta de hermenêutica teológica que tentava aprofundar a analítica existencial heideggeriana do *Dasein*. Na época de Bultmann os interlocutores do debate em torno da hermenêutica eram Schleiermacher, Dilthey e Heidegger. Segundo Grondin, somente em 1963, num ensaio, Bultmann, em nota de rodapé, reporta-se a “Verdade e Método” de Gadamer como “um livro altamente significativo para a teologia”.

Quanto à sua hermenêutica podemos dizer que como teólogo que foi, apesar de suas influências heideggerianas, a preocupação de Rudolf Bultmann centrou-se mais numa orientação exegética do que propriamente com a formulação de uma teoria da compreensão. Portanto, sua atenção é voltada para o texto, para a exegese do texto. E, dessa forma, Bultmann não faz distinção, sob a ótica do texto, entre a Bíblia e outros escritos como os de natureza jurídica, filosófica etc. nos seus mais diversos aspectos como o histórico, o filológico e assim por diante. O que se quer dizer com isso é que, diferentemente de Hans-Georg Gadamer, que se preocupou em elaborar uma Hermenêutica Filosófica, Bultmann estava ocupado mesmo era com a exegese das Escrituras e sua recepção pelo homem moderno.

Apesar dessa fundamental e grave distinção entre os dois projetos, as influências de Bultmann são notadas em Gadamer. Não só pela relação entre Bultmann e Heidegger, já vista, na medida em que Heidegger influenciou profundamente Gadamer a ponto de ser difícil em pontos da obra de Gadamer distinguir claramente o que é dele do que é

de Heidegger, mas também pela maneira própria com que Bultmann percebeu o fenômeno da compreensão. Na troca de correspondências entre Heidegger e Bultmann há referências a Gadamer. Numa carta de 9 de abril de 1929, Heidegger faz comentário desfavorável a Gadamer ao afirmar que Kriger” dava mais de si que Gadamer. Bultmann, ao contrário, demonstrava apreço por Gadamer. Em de 24 de agosto de 1930, Bultmann, numa carta, afirma apreciar Gadamer em razão de trabalhar com exatidão filosófica, interpretar com cuidado e finura e por não especular como faz Kriger. Destaca, noutra carta de 21 de agosto de 1932, o fato de Gadamer haver assistido ao curso de Bultmann sobre o Evangelho de João e também ter participado com proveito das lições sobre Aristóteles. No mesmo ano, Bultmann escreve outra carta, em 11 de dezembro, e deixa claro a Heidegger que Gadamer segue trabalhando com segurança e acredita que ele (Gadamer) realizará coisas excelentes. O prognóstico de Bultmann — palavras proféticas — confirmaram-se anos depois. Esses trechos epistolares revelam a relação de aprendizado de Gadamer para com Bultmann; e, o que mais impressiona, é a aposta otimista que Bultmann fazia no aluno de Heidegger.

Mas não é só isso, o que já seria bastante. O próprio Gadamer menciona não poucas vezes Bultmann em seus escritos e dedicou a ele textos específicos. Grondin (2002) informa que, a convite de Bultmann, Gadamer participou durante quinze anos do *Graeca*, um círculo de leitura que ocorria toda quinta-feira para estudar os textos clássicos dos gregos” na casa do próprio Bultmann. Um convite que chegou num momento crucial da vida de Gadamer e que o reanimou a se tornar um estudioso, conforme ele mesmo reconhece em carta dirigida décadas depois a Bultmann. E, uma outra proximidade não muito conhecida, é que ambos compartilhavam o mesmo editor em Tübingen, Mohr Siebeck, além de receberem a mais alta distinção acadêmica da Alemanha (*Pour le mérite*).

No entanto, sobre Gadamer, é importante destacar, segundo Grondin (2002), que ele mantém um relativo silêncio em relação a Bultmann, mas que isso é compreensível em razão da distância

respeitosa que Gadamer manteve em relação à teologia e à exegese, já que sua mãe, religiosa, faleceu quando ele tinha apenas quatro anos. O pai, químico farmacêutico, incutiu nele uma formação na qual o elemento religioso foi discreto.

### ***O pensamento de Martin Heidegger***

Martin Heidegger nasceu em Messkirch no dia 26 de setembro de 1889, região de Baden (sul da Alemanha). Realizou sua formação filosófica na Universidade de Freiburg-im-Breisgau, onde estudou com Husserl (método fenomenológico) e Ricket (filosofia da Grécia Antiga). Despertou para a filosofia entrando em contato com o livro de Brentano "Sobre os diversos sentidos do ente segundo Aristóteles". Entre 1910 e 1914 entra em contato com a obra de Nietzsche, Kierkegaard e Dostoiévski. Demonstra interesse por Hegel e Schelling, como também por poemas de Rilke e Trakl e as obras de Wilhelm Dilthey. Estas leituras levarão Heidegger a colocar em questão toda a orientação metafísica do pensamento ocidental. Em 1914 torna-se Doutor e publica "A Teoria do Juízo no Psicologismo - Contribuição Crítica Positiva à Lógica". Por volta de 1916 habilitou-se para o magistério na Universidade de Freiburg, ministrando aulas sobre "Conceito de Tempo nas Ciências Históricas". Em 1919 Heidegger passa a ser assistente de Husserl e comenta semanalmente a obra "Investigações Lógicas" de Husserl.

Assumiu, em 1923, uma das cátedras de filosofia da Universidade de Marburgo, e projetou-se entre os especialistas através de interpretações pessoais de pensadores pré-socráticos como: Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eléia. Publicou "Ser E Tempo" (1927), seu mais conhecido trabalho, inacabado.

Através dele Heidegger projetou-se como o mais famoso representante da filosofia existencialista, qualificação esta que mais tarde repudiou. Substituí Husserl na Universidade de Freiburg em 1928, sendo nomeado 5 anos mais tarde reitor desta universidade, ano este de ascensão de Hitler ao cargo de Chanceler da Alemanha. Em seu

discurso de posse, deu boas vindas ao regime nazista, expressando suas esperanças numa "completa revolução da existência germânica". Nesta época afasta-se de Husserl, que era judeu. Heidegger chega a convocar o povo alemão a recriar o grande começo do pensamento ocidental, pois acredita que a Alemanha esteja esmagada entre a União Soviética e Estados Unidos, chegando a afirmar que só é possível filosofar em duas línguas: o grego e o alemão. Demite-se do cargo em 1935, mas permanece na Universidade como professor até o final da Segunda Guerra Mundial. É licenciado temporariamente por supostas simpatias pelo o regime nazista. Antes do término da Segunda Guerra Mundial vive em isolamento em sua casa nas montanhas da Floresta Negra.

Após 1952, ao aposentar-se como professor da Universidade de Freiburg, mantinha contato com poucos amigos e alunos. Falece em 1976 em Freiburg-im-Breisgau. Deve a Husserl o passo que o levou a fenomenologia, sofrendo também influência de Aristóteles, por ser o formulador da teoria do Ser enquanto Ser. Estudou ainda Kant, Fichte, Descartes, Schelling, etc. Desde o início Heidegger difere de Husserl pois não pretende seguir o seu caminho do transcendente, intencionando desligar o método fenomenológico do idealismo transcendental das ideias.

O pensamento heideggeriano surgiu em uma época em que devido a Primeira Guerra Mundial, os homens tem seus valores tradicionais e seu orgulho de sua civilização colocados em questão. Este pensamento pretende representar a recolocação dos problemas fundamentais da filosofia que é a questão do Ser. O filosofar heideggeriano é uma constante interrogação a este respeito. Através de sua obra "Ser e Tempo", Heidegger aborda a questão do Ser através do método fenomenológico, fazendo da reflexão acerca do Ser seu ponto de partida. Este autor aponta o fato de que, através do próprio homem, é que se dá o caminho para se conhecer o Ser.

O homem em sua solidão interroga-se sobre si mesmo, colocando-se em questão e refletindo sobre ele mesmo, e neste momento o Ser dá-se a conhecer. O objetivo da reflexão filosófica encontra-se no fato de que o filósofo, partindo da existência humana (*Dasein* - ser-aí), procura desvendar o ser em si mesmo. Este pensador acredita que o

Ser do homem não pode ser reduzido a filosofia ocidental, que o identifica através da objetividade. O ser-aí não pode ser então uma simples presença, por que ele é aquele ente para o qual as coisas estão presentes. Não é uma simples presença, uma vez que o ser-aí é um ser-possível, é sempre aquilo que pode ser. Na primeira parte de "Ser e Tempo", Heidegger descreve a vida cotidiana do homem, considerada por ele como uma forma de existência inautêntica constituída por três aspectos: facticidade, existencialidade e a ruína.

A inautenticidade refere-se ao distanciamento do homem de sua condição real, de como ele se ocupa do mundo e distrai-se de sua condição enquanto um ser mortal. A autenticidade é justamente quando o homem pode conviver com sua condição enquanto ser-para-a-morte. O homem é um ser de possibilidades infinitas, as quais ele vai "escolhendo" realizar enquanto vive, mas esta possibilidade da morte é a única que lhe é dada como certa.

Na segunda seção de sua obra, surge a noção de angústia. Esta faz-se presente quando o homem passa a assumir-se nesta projeção futura da morte. A angústia heideggeriana, possibilita que o homem possa resgatar-se do viver cotidiano indo ao encontro de sua totalidade. Ela está sempre presente tanto no distanciamento quanto na aproximação do eu, podendo ser vivida como medo no distanciamento. Outra questão importante que Heidegger apresenta neste livro é a questão do tempo.

O autor encontra na temporalidade uma dimensão fundamental da existência humana, pois o ser-aí tem como condição realizar-se nas suas possibilidades no seu vir-a-ser. Este filósofo acredita que há sempre no *Dasein* a presença de uma tensão constante, de uma inquietação relativa ao tempo, entre aquilo que o *Dasein* é, o seu vir-a-ser e seu passado. A vivência da temporalidade pode dar-se na inautenticidade assim como na autenticidade. A autenticidade da temporalidade dá-se através da inquietação, que possibilita com que o homem ultrapasse o estágio da angústia e retome o seu destino em suas próprias mãos. A inautenticidade dá-se no distanciamento dele próprio, como se fosse levado pelo destino. É comum os estudiosos de Heidegger referirem-se a ele como o "Primeiro Heidegger" e o "Segundo Heidegger", pois as seções que seguiram esta teoria jamais foram

publicadas, e suas colocações que seguem esta obra são diferentes das apresentadas até então. O autor recusa a ideia de que sua suposta segunda fase tenha representado um abandono desta primeira. Simplesmente ocorre uma modificação, na qual Heidegger não considera mais a existência humana como ponto de partida de entrada para o Ser, mas sim o Ser passa a ser a abertura para a possível compreensão da existência humana. Em suas últimas obras o Ser não é apresentado como ente algum, nem como princípio dos entes, nem como fundamento da realidade. Ele, de certa forma identifica-se com o nada, mas apesar disto ele é. O Ser é visto como algo que não pode ser compreendido através de nenhum ente, pois ele é a própria realidade. Ele vem a falecer em Friburgo, na Alemanha em 26 de maio de 1976.

Heidegger então, oferece o novo conceito de compreensão que passou a Gadamer, influenciando-o determinantemente. Constitui-se no ponto de partida crucial, com o qual Gadamer pôde conferir à hermenêutica filosófica a universalidade suficiente. O novo caminho tomado conferiu à hermenêutica uma aura diferenciada, tornando-a diversa do que a tinha justificado historicamente, desde sua origem até o debate desencadeado pelas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*).

Num processo crítico de reconstrução que retoma Schleiermacher e Dilthey, Gadamer tornasse o primeiro teórico que, ao partir das contribuições heideggerianas, confere à hermenêutica a capacidade de tematização a respeito da estrutura geral da compreensão. Sua originalidade reside em ter ampliado as possibilidades mediante as quais se torna possível a realização da compreensão; melhor entendido, como um esforço sistemático e concentrado em discutir o problema do conhecimento para além de uma subjetividade transcendental, reconhecendo que o mesmo se dá a partir de categorias que lhes são inerentes: a historicidade e a linguagem.

## ***A Escola de Marburgo***

Seguramente não podia deixar de falar sobre a Escola de Marburgo, lugar onde Gadamer passou maior parte de sua formação, e conheceu a maioria dos intelectuais que provavelmente influenciaram em seu pensamento e em sua filosofia.

Como fundador da escola de Marburgo, todos reconhecem Hermann Cohen (1842-1918), professor naquela cidade e autor, entre outras obras, das seguintes obras: teoria da experiência pura de Kant, 1871; O fundamento da ética kantiana, 1871; A influência de Kant em Cultura Alemã, 1883, e El fundamento de la estética kantiana, 1889. Defensor de um socialismo não materialista, Cohen estudou Platão em profundidade e escreveu uma história do cálculo infinitesimal (*El principio del método infinitesimal y su historia*, 1883; ao fazer uma revisão deste Por escrito, Gottlob Frege argumentou que Cohen “não brilha por sua clareza e às vezes é ilógico”).

A ciência, e mais precisamente a física matemática, assume o papel de maior importância dentro da concepção de Cohen. Isso aceita a validade da ciência e concebe a filosofia precisamente como o estudo das condições da validade da ciência. Agora, com o positivismo que considera que o valor da ciência reside no fato: algo sagrado, absoluto e intocável. Para o positivista, o fato é objetivo e a sensação – a posteriori – também é. Cohen retorna a Kant fazendo um investimento da concepção positivista. Na Teoria da Experiência Pura de Kant Cohen escreve que a base para a objetividade da ciência reside no a priori. A ciência não é um caos de percepções nem se desenvolveu como tal, não é um acúmulo de sensações ou fatos observados. A ciência foi constituída não pelo acúmulo de fatos, mas por meio da unificação destes através de hipóteses, leis e teorias, e submetidos a estes. Leis e teorias não são obtidas por meio de fatos, elas são sobre eles: a teoria é o a priori. E a filosofia é dedicada a investigar, precisamente, os elementos puros - isto é, a priori - do conhecimento científico. Portanto, a filosofia tem que ser a metodologia de ciência, como era com Kant. Cohen identifica a crítica kantiana como crítica do sistema, métodos e princípios de Newton. Em outros termos, Kant não criou, por exemplo, suas doze categorias estudando faculdades cognitivas em geral, mas

essas categorias são fruto maduro de sua reflexão filosófica sobre os princípios de Newton. Consequentemente, não é uma interpretação idealista de Kant, nem uma interpretação psicológica (como a de Fries), mas a partir de uma interpretação lógica de Kant: a crítica é a metodologia da ciência. Esta é a condição necessária para que a filosofia retenha seu caráter rigoroso, sem ceder às tentações da metafísica idealista (que, na opinião de Cohen, empurrou a filosofia de volta para a Idade Média), das reduções psicológicas ou erros positivistas. '

Portanto, é necessário retornar a Kant. No entanto, nem mesmo Kant é infalível. Cohen questiona dois elementos da doutrina kantiana. Em primeiro lugar, rejeita a referência à própria coisa, reinterpretando-a como princípio de autolimitação da experiência: buscamos o todo, com teorias cada vez mais gerais, mas sempre encontramos partes. Mais longe, Cohen não admite a distinção que Kant faz entre sensibilidade e intelecto: assimila espaço e tempo em categorias, que são formas de sensibilidade; o tempo é a condição da pluralidade dos fenômenos, e o espaço de sua exterioridade.

Diante de tudo isso podemos entender qual era o pensamento que era formado a escola de Marburg, onde Gadamer estudou. A escola era marcada, para assim dizer, pelo neokantismo, que em outras palavras, podemos dizer que é a tentativa de unificação do pensamento de Kant com o método cientificista.

### ***A presença do pensamento de Hegel***

Uma questão muito interessante de se expor neste trabalho, é que apesar do contexto da época que já temos observado nos capítulos anteriores. Onde sabemos que com a escola de Marburg, surge fortemente o neokantismo principalmente com Cohen, e que o neokantismo é uma resposta contra o idealismo hegeliano.

Podemos observar em Gadamer alguns conceitos hegelianos como o da história e da dialética. O que nos convém perguntar é como

estes princípios chegaram a Gadamer sendo que ele foi formado num ambiente anti-hegeliano?

A nossa resposta está em Heidegger, o qual já apresentamos anteriormente como um dos mais influentes da formação de Gadamer. E podemos encontrar na obra de Gadamer *La Dialéctica de Hegel*, explicações claras de como o em Heidegger havia implícito o pensamento de Hegel.

Por isso, deixarei que o próprio Gadamer clarifique esta questão sobre o hegelianismo no pensamento de Heidegger, seu mestre. Primeiro Gadamer nos contextualiza com a disputa entre neokantismo e hegelianismo:

A Heidegger ficou reservado, como já intuía, o pensamento hegelianizante que batia dentro do neokantismo que agonizava, seria ele quem realizaria pessoalmente a tarefa de transformar em filosofia o último e forma mais poderosa de pensamento neokantiano, isto é, a fenomenologia de Husserl; ou por medir a mesma verdade com outro padrão, a irrupção de Heidegger passou a significar que tinha que despertar finalmente do sonho husserliano da filosofia como ciência estrita. Com isso o pensamento de Heidegger está próximo da filosofia de Hegel. Certamente meio século - este tem sido o tempo que o pensamento de Heidegger exerceu sua influência sobre nós - não é suficiente para assegurar-lhe uma posição permanente na história mundial. Mas embora não seja totalmente equivocado colocar a obra filosófica de Heidegger na série dos grandes clássicos do pensamento e trazê-lo para mais perto de Hegel, há, no entanto, uma certa documentação negativa em contra: assim como o pensamento de Hegel dominou completamente por um período de tempo em Alemanha e daqui mais tarde na Europa, para mais tarde entrar em colapso inteiramente no meio do século, então Heidegger foi por um longo período o pensador dominante entre seus contemporâneos na cena alemã;

e assim também hoje a separação dele é total. Ainda hoje estamos à espera de um Karl Marx que se recusa, mesmo sendo seu adversário, a tratar o grande pensador como um cachorro morto.”

Em seguida nos explica como se relacionam seu mestre com Hegel:

É bastante manifesto com que persistência o pensamento de Heidegger gira em torno do de Hegel e como Heidegger continua, até hoje, buscando novas formas de delimitar seu próprio pensar sobre o hegeliano. Certamente, isso revela a vitalidade da dialética de Hegel, um método que se reafirma, vez após vez, contra o procedimento fenomenológico de Husserl e Heidegger até move-lo num grau tal que a arteficialidade fenomenológica que foi cultivada cuidadosamente foi esquecida muito rapidamente pela consciência do tempo e se tem deixado de praticar. Mas se trata de algo mais, se trata da questão que muitos fizeram por último a Heidegger: ou seja, como ele pode continuar a se opor à 'filosofia do espírito' de Hegel com sua crítica convincente do idealismo da consciência, que iluminou, com *Ser e Tempo*, uma nova era em filosofia? Isso parece ainda mais questionável porque o próprio Heidegger, ao pensar após o "retorno" (*Kehre*), por sua vez abandona sua concepção transcendental de si mesmo e do fundamento da abordagem da questão do ser na compreensão ontológica do *Dasein*. Isso não necessariamente muda para uma nova proximidade com Hegel, que manteve precisamente que a dialética do espírito transcende as figuras do espírito subjetivo, da consciência e autoconsciência? Além disso, na opinião de todos aqueles que tentam se precaver contra as demandas do pensamento de Heidegger, há um ponto particular onde parece convergir, um e o outro tempo, com o idealismo especulativo de Hegel. Esse ponto é a inclusão da história no quadro básico da investigação filosófica.

Certamente não é uma coincidência. Parece ser um traço fundamental da consciência filosófica do século XIX, que não pode ser concebida à parte da consciência histórica. A consciência histórica que surgiu então também exigiu a reivindicação da filosofia do conhecimento, um teste de legitimidade. Cada tentativa filosófica de adicionar algo peculiar, por novo que seja, para a tradição do pensamento greco-cristão, agora tem que fornecer uma justificativa histórica de si mesma, e uma tentativa onde essa justificativa falte, ou seja, inadequada, necessariamente careceria do poder de convicção para a consciência geral.

Em particular, este foi algo dolorosamente consciente para Wilhem Dilthey, o pensador do historicismo. Nessa perspectiva, a forma abrangente e radical como Hegel realizou a auto fundação histórica de sua filosofia, permanece esmagadoramente superior a todas tentativas posteriores que uniram natureza e história sob o domínio do conceito abrangente do logos que em tempos anteriores os gregos haviam exaltado como o fundamento da Primeira Filosofia. Sem a velha teodicéia, ainda na Idade do Iluminismo, considerando o mundo como criação de Deus, apelou para a racionalidade matemática dos eventos da natureza, Hegel agora estende este apelo da racionalidade à história universal.

Assim como os gregos lhe ensinaram que o logos ou nous era a essência e o pano de fundo do universo em oposição à desordem e irracionalidade do mundo sublunar, Hegel agora nos ensina que a razão pode ser descoberta na história, apesar das horríveis contradições mostradas pelo caos da história e do destino humano.

E daí anteriormente tinha sido deixado à fé e confiança na Providência, pois é inescrutável para o conhecimento e percepção humanos, Hegel agora os traz para o reino do pensamento.”

Por isso é de se destacar a concepção e a influência que o próprio Gadamer possuía e apresenta em seu trabalho da concepção hegeliana de história e da dialética. Apesar do contexto em que vivia, ainda assim o nosso intelectual recebeu influência de um dos grandes da história.

## CONCLUSÃO

Diante desta riqueza cultural, o que se pode defender é que o que uniu os “misticismos” desses pensadores, e assim inspirou Gadamer, foi seu gesticular em direção ao além do ser que expõe as limitações da compreensão humana. Enquanto alguns usavam seu "misticismo" para evitar os prosaicos cuidados da vida diária - cuidados que apenas bloqueavam nosso acesso a este reino mais elevado, mais radical e, portanto, mais digno - Gadamer rejeitou tal escapismo e, em vez disso, exaltou o "misticismo" por sua propensão a insistir na finitude da existência humana. E buscou encontrar dentre a variedade filosófica que o rodeou, um lugar profundo no qual desse sentido poético à filosofia, provavelmente por causa dos ensinamentos de seus pais.

Graças a este trabalho, estamos agora preparados para mergulhar no que seria este mar, que é o pensamento de Gadamer e poder entender as vias estreitas que percorreu seu pensamento até tocar e reconhecer o que há de mais profundo no existir que é o ser. Encontrando a influência destes pensadores, desde o cientificismo neokantiano da Escola de Marburgo, passando pela fenomenologia de Nicolai Hartmann unida à filologia de Friedlander, até chegar àquela sutil, porém marcante influência hegeliana. A partir deste conhecimento podemos entender pelo a Gadamer e “degustar” melhor seu pensamento.

## Referências

BARTHOLD, Lauren Swayne. **Hans-Georg Gadamer**. Disponível em: <<https://iep.utm.edu/gadamer/#SH3a> > Acesso em 23 nov. 2020

BASSETTO, Bruno Fregni. **Conceito de Filologia**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/12/06.pdf> > Acesso em 25 nov. 2020

BENTIVOGLIO, Julio. **História e narrativa na historiografia alemã do século XIX**. 2010 Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/12632/14050>> Acesso em 23 nov. 2020

CALIFÓRNIA, Universidade da. Disponível em: <[http://texts.cdlib.org/view?docId=hb6h4nb3q7&chunk.id=div00016&brand=calisphere&doc.view=entire\\_text](http://texts.cdlib.org/view?docId=hb6h4nb3q7&chunk.id=div00016&brand=calisphere&doc.view=entire_text) > Acesso em 25 nov. 2020

COHN, Norman. **Les fanatiques de l'apocalypse**. Paris: Aden, 1962

COPLESTON, Frederik. **Historia de la filosofía**. 3ª Edição. Barcelona: Ariel S. A., 1996

CRUZ, Raimundo J. B. **Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer: os caminhos da compreensão**. Disponível em: <<https://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/149> > Acesso em 25 nov. 2020

DA Galeffi - Revista Ideação, Feira de Santana, 2000 – Disponível em:  
<unilago.com.br > Acesso em 24 nov. 2020

DI CESARE, Donatella. **Gadamer: A philosophical portrait.**  
Bloomington: Indiana University. 2007

FAILLA, Mariannina. **Paradigmi:** Rivista di critica filosófica. 1ª Edição.  
Itália: FrancoAngeli, 2008

FEDELI, Orlando. **Origens do romantismo alemão.** Disponível em:  
<<http://flocarmeliestudos.com.br/origens-do-romantismo-alemao/> >  
Acesso em 23 nov. 2020

FRIEDLANDER, Paul: "**Platón, I. Seinswahrheit und Lebenswirklichkeit.** II. Die patonische Schriften (Erst Periode)" (Book Review) / Lledó, E.Revista de Filosofia; Madrid Vol. 17, Ed. 67, (Oct 1, 1958): 507.

FRIEDLANDER, Paul. **Platon.** Berlim: De Gruyter, 1928

GADAMER, Hans-Georg. **A dialéctica de Hegel:** cinco ensaios hermenêuticos. 5ª Edição. Madri: Catedra, 2000

GILES, Thomas Ranson. **História do Existencialismo e da Fenomenologia.** São Paulo, EPU, 1989

GIRGENTI, Giuseppe. **Paradigmi:** Rivista di critica filosófica. 3ª Edição.  
Itália: FrancoAngeli, 2008

GRAY, Ronald D. **The alquimist**. Reino Unido: Cambridge University Press, 1952

GRONDIN, Jean. **Hans-Georg Gadamer: A Biography**. Estados Unidos da América: Yale University Press, 2003

HIRSCHBERGER, Johannes. **História da Filosofia Contemporânea**. São Paulo, Herder, 1963

KIM, Alan. **Paul Natorp**. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/natorp/>> Acesso em 24 nov. 2020

KRAEMER, Celso; SANTOS, Dominique; CRESCÊNCIO, Aniele. **Nietzsche e a historiografia prussiana: análise de fragmentos póstumos da primeira fase de sua obra**. Editora: Antíteses, 2017

KYTZLER, Bernhard. **Programa de línguas estrangeiras**. Disponível em: <<https://archive.is/20120306102713/http://www.classics.ukzn.ac.za/reviews/00-03cal.html>> Acesso em 25 nov. 2020

LEMBECK, Karl-Heinz. **Platon in Marburg**. Alemanha: Königshausen & Neumann, 1994

LINHA DO TEMPO: Martin Heidegger. Disponível em: <[https://web.archive.org/web/20070523124223/http://www.pucsp.br/~filo\\_puc/verbete/heidegge.htm](https://web.archive.org/web/20070523124223/http://www.pucsp.br/~filo_puc/verbete/heidegge.htm)> Acesso em 25 nov. 2020

MALPAS, Jeff. **Hans-Georg Gadamer**. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/gadamer/#BioSke>> Acesso em 23 nov. 2020.

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.11, n.1, jan/2021.

MERZ-BENZ, Peter-Ulrich. **Die Stufen zum Vernunftvermögen:** Richard Honigswalds Begriff der Monasals Gegenstanderkennntnis kritischer Reflexion. Suíça: Basel, 1997.

MITTNER, Ladislao. **Storia della letteratura tedesca.** Torino: Giulio Einaudi, 1977

PLATZECK, Matthias. **Lidando com a herança prussiana.** Disponível em:  
<[https://web.archive.org/web/20080918123413/http://www.preussen.de/de/heute/Forum\\_Preussen/Ministerpraesident\\_Matthias\\_Platzeck\\_ueber\\_den\\_Umgang\\_mit\\_dem\\_preussischen\\_Erbe.html](https://web.archive.org/web/20080918123413/http://www.preussen.de/de/heute/Forum_Preussen/Ministerpraesident_Matthias_Platzeck_ueber_den_Umgang_mit_dem_preussischen_Erbe.html)> Acesso em 23 nov. 2020

POLI, Roberto. **Nicolai Hartmann.** Disponível em:  
<<https://plato.stanford.edu/entries/nicolai-hartmann/>> Acesso em 24 nov. 2020

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Historia del pensamiento filosófico y científico.** 1ª Edição. Barcelona: Herder, 1988

SALES, José E. P. **Pré-compreensão e círculo hermenêutico em Rudolf Bultmann:** investigações sobre as influências em Hans-Georg Gadamer. 1ª Edição. Pará: Ekstasis, 2017

SALES, José E. P. **Pré-Compreensão e círculo hermenêutico em Rudolf Bultmann:** investigações sobre as influências em Hans-Georg Gadamer. Universidade do Pará DOI:10.12957/ek.2017.30173 Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/30173>> Acesso em 25 nov. 2020

SCHOLEM, Gershom. **A mística judaica**. Perspectiva, São Paulo, 1972

SOUZA, Danilo. **Empatia**: uma história intelectual de Edith Stein.  
Disponível em:  
<[https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10641/1/DISSERT  
A%C3%87%C3%83O\\_EmpatiaHist%C3%B3riaIntelectual.pdf](https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10641/1/DISSERT<br/>A%C3%87%C3%83O_EmpatiaHist%C3%B3riaIntelectual.pdf) > Acesso  
em 24 nov. 2020